

OS ANÔNIMOS DE ALTO ARAGUAIA, MATO GROSSO¹

Ronaldo Divino BORGES²

Miriam Soares de ARAÚJO³

Lawrenberg Advíncula da SILVA⁴

Universidade do Estado de Mato Grosso, Alto Araguaia, MT

RESUMO

Inspirado no documentário Lixo Extraordinário (2010) e baseado teoricamente na leitura de Fernando Braga da Costa (2004) acerca dos invisíveis e no conceito de grupos marginalizados de Luiz Beltrão (1980), considerado o primeiro Doutor em Comunicação no Brasil, o presente trabalho intitulado Os Anônimos de Alto Araguaia busca retratar o cotidiano de pessoas consideradas excluídas dos processos de modernização econômica e social da cidade, assim como, e principalmente, do jornalismo convencional e hegemônico. Optou-se por um ensaio fotográfico com um viés artístico e conceitual, ressignificando posturas sociais marginalizadas pelo discurso midiático de orientação hegemônica, na medida em que as atribuía papel secundário, senão quando eram e são totalmente ignoradas. Trata-se de uma atividade desempenhada na disciplina de Estudos Culturais e Mídia.

PALAVRAS-CHAVE: Ensaio Fotográfico; Anônimos; Jornalismo; Alto Araguaia.

Primeiras Impressões

Num primeiro momento tem-se um artista plástico que mobiliza catadores de lixo para um ensaio fotográfico através de intervenções visuais via materiais recicláveis, em um dos maiores aterros sanitários do mundo, o Jardim Gramacho, localizado na periferia da cidade do Rio de Janeiro. A cena sintetiza a proposta de um dos mais aclamados documentários e indicado ao Oscar de 2011, Lixo Extraordinário, lançado em 2010 e dirigido por Lucy Walker.

E, num segundo momento, o relato de uma pesquisa inédita. Ao se fingir de gari por oito anos na universidade que estudava, o psicólogo Fernando Braga da Costa relata a rotina de grande parte da população tratada e “vista/percebida” pela sociedade como invisíveis. A

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Ensaio Fotográfico Artístico.

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: ronaldotga2009@hotmail.com

³ Aluna coautora e estudante do 4º Semestre do Curso de Jornalismo, email: araujomih@gmail.com

⁴ Orientador e professor do curso de jornalismo da UNEMAT. Professor Mestre em Comunicação e Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. Membro da Rede Folkcom, da ABCIBER e do grupo de estudo Comunicação, Cultura e Sociedade. Parecerista do Congresso Brasileiro de Extensão Universitária e das revistas científicas “Ave Palavra” e “Comunicação, Cultura e Sociedade”, ambas da Unemat. Ilustrador e designer, publicitário, quadrinista e performer. Sócio do INTERCOM. E-mail: lawrenberg@gmail.com.

experiência, que foi descrita em sua dissertação de mestrado pela Universidade de São Paulo (USP), intitulada *Homens invisíveis: um relato de humilhação social* e publicada em 2004, virou matéria no Fantástico, da Rede Globo, no dia 04 de novembro de 2009.

Ambos os casos citados refletem a face intrépida da urbanização das cidades brasileiras a partir do início do século XX, quando: o crescimento desenfreado de casas e edificações empurra os moradores de menor renda para áreas mais periféricas e os efeitos da globalização tecnológica atenuam o engodo existente na distribuição de renda e capital cultural do país. E reforçam, por outro lado, o caráter hegemônico / tendencioso da cobertura noticiosa realizada pela grande mídia.

Melo (2009, p. 90) ressalta que, para resolver esta agenda hegemônica dos meios de comunicação: “tudo depende do seu uso pelos cidadãos. E, quanto mais bem educados eles forem, mais elevados serão os padrões de codificação de mensagens”. Assim que para o autor (idem), “o grande problema dos países periféricos é justamente o déficit cognitivo e a inapetência dos cidadãos comuns para demandar qualidade nos produtos mediáticos”.

2 Para que fazer um ensaio fotográfico com indivíduos considerados anônimos? (objetivos)

Por meio desse trabalho fotográfico, vamos buscar retratar o cotidiano de pessoas geralmente vistas e classificadas (“taxadas”) de forma inferior e marginal pela sociedade e mídia, evidenciando o poder transformador da arte fotográfica. Visa-se mostrar uma nova percepção desses grupos sociais e culturais historicamente excluídas num movimento de “re-imaginação” de posições socioculturais historicamente assumidas. Entre elas: o carroceiro, o gari, vendedor ambulante, o morador de rua, o feirante, o trabalhador rural, o contista da praça, o estudante homossexual, o animador da feira e o farmacêutico popular.

3 Por que fazer um estudo com os anônimos de ALTO ARAGUAIA? (Justificativa)

Este ensaio fotográfico pretende retratar, validar e reconhecer o protagonismo de indivíduos tratados como anônimos por parte da sociedade, ao atentar para a produção social de cada um deles, uma vez que exercem uma tarefa essencial e constituem invariavelmente o tecido social das cidades. Desta forma, esses indivíduos, denominados

por Beltrão (1980)⁵ enquanto grupos marginalizados e por Costa (2004) como invisíveis, correspondem à face desfavorecida de um processo de modernização brasileira ainda incipiente, residual, senão disjuntivo, para assim lembrarmos as proposituras do indiano Arjun Appadurai (1991) acerca da globalização.

O foco lança-se para um caminho inverso ao praticado pela grande mídia, desde as capas de impressos às manchetes dos telejornais, ao enfatizar o micro-cosmo de moradores esquecidos da narrativa urbana e das políticas públicas, quando muito abusados e explorados enquanto personagens de um jornalismo de espetáculo⁶ e de *entretenimento-trash*. Esses moradores, em sua maioria, não possuem formação especializada, grau de instrução, ou, atendidos em serviços públicos básicos, tais como: saneamento básico, habitação e lazer. São tratadas como números pela imprensa e os órgãos competentes, e compreendidas na psicologia social como indivíduos invisíveis (COSTA, 2004), na medida em que, pelo fato de serem desprovidos dos valores preconizados pela sociedade de consumo e das aparências, deixam de ser pessoas sociais e convertem-se em: coletes, uniformes e acessórios e utilitários de trabalhos, muitas vezes, classificados como subempregos.

De algum modo a exaltação desses personagens considerados “anônimos” no ensaio artístico evidencia o poder de crítica social da arte, ao debater e subjetivar na fotografia a denúncia social e a contestação política ante uma ordem estabelecida.

4 Os caminhos para a realização do ensaio (Métodos e Técnicas utilizados)

Nesse trabalho de campo sobre “os anônimos de Alto Araguaia”, utilizamos as técnicas de coleta de informações envolvendo sempre a observação e compreensão seletiva

⁵ O jornalista Luiz Beltrão na obra que se intitula *Folkcomunicação*, lançada no ano de 1980, faz uma colocação que a presença dos grupos marginalizados reforça mazelas sociais antagônicas e que os grupos marginalizados são compostos por “um indivíduo a margem de duas culturas e de duas sociedades que nunca interpenetraram e fundiram totalmente” (1980: 39). Beltrão aponta para três tipos de grupos marginalizados que compõem a audiência folk: os grupos rurais marginalizados, os grupos urbanos marginalizados e os grupos culturalmente marginalizados, o qual enquadra nosso objeto de pesquisa neste trabalho.

⁶ Do ponto de vista jornalístico, esses invisíveis (*anônimos*) {Grifo meu} podem ser encarados por meio dos segmentos sociais pouco explorados, muitas vezes ignorados, mal-interpretados e, em alguns casos, criminalizados nas coberturas jornalísticas. Assim, atendendo a critérios de noticiabilidade⁶ (ERBOLATO, 1985) com interesses cada vez próximos de uma ótica hegemônica do que popular e aberta a todos os segmentos da população. Trata-se de vozes alijadas e convertidas como mudas pela grande imprensa, essa que cada vez mais fica condicionada pelo capital e encontra-se sucumbida à prevalência do *marketing*, das pesquisas de audiência e de segmentos específicos da sociedade.

por parte do investigador. Trata-se de uma técnica etnográfica chamada de observação participante que, de acordo com Geertz (1989), a interpretação das culturas, visa introduzir o pesquisador no universo empírico do seu objeto.

Neste sentido, privilegiando as interações e experiências desenvolvidas pelos personagens observados nesse trabalho, que realizou o ensaio relevando um plano organizado de ações. Primeiramente foi feita uma seleção criteriosa dos personagens, tendo como determinante a importância e relação deles na formação de uma identidade coletiva local. O que reforça os estudos de Barbero (1999) acerca do campo das mediações em seu embate com os processos globalizadores e a mídia massiva. Depois foi destacado o modo com que esses personagens interagiam com os lugares, baseado nos conceitos de interacionismo simbólico (SILVA, 1999).

O ensaio foi realizado na praça pública da igreja matriz e na feira municipal de Alto Araguaia, na qual os atores foram fotografados e entrevistados. Esses atores contaram um pouco sobre a sua rotina de vida, abordando o modo como são vistos pela sociedade e a mídia em si, mais especificamente, no telejornalismo policialesco.

5 Como foi o ensaio fotográfico? (Descrição do Produto ou Processo)

O ensaio, que contou com a colaboração dos jornalistas Marcos Cardial de Souza e Danúbia Spigotti, privilegiou fotografias monocromáticas sob a finalidade de romper com a percepção visual e convencional dos atores, mas, acima de tudo, buscando através do contraste, mais evidente no preto e branco, ressaltar a relação particular entre o ator e seu ambiente de invisibilidade enquanto espaço de memória. A mesma memória trabalhada e conceituada por Boris Kossoy (2001) como fotografia que se evidencia enquanto registro histórico e social.

Assim, Angela Prysthon (2006: 4), na sua obra a “Imagem na cidade”, descreve a cidade “como espaço de comunicação e de interação do urbano com a versão midiática, os imaginários do real, entre os atores sociais, responsáveis pela produção de uma cultura e simbologias urbanas”.

As fotos foram enquadradas em plano médio e plano geral, buscando ressaltar o que se passa ao redor dessas pessoas consideradas anônimas, e que são pouco valorizados pelo papel que exerce no seu dia-dia, não sendo percebido pela mídia local, senão execrados por ela.



Créditos: Ronaldo Borges

Foto 1: Profissão Anônima



Créditos: Danúbia Brito de oliveira

Foto 2: Uniforme Anônimo

Na foto 1, citada acima, focaliza-se o carroceiro de baixo para cima, enaltecendo-o como sujeito de um imaginário de cidade ainda rural. O que assinala a conjunção entre elementos do arcaico (a carroça puxada pelo cavalo) e do moderno (a cidade que se modernizou). De acordo com Appadurai (1991), ele se encaixa como fluxos disjuntivos de pessoas, capital, tecnologia, imagens e ideologias.

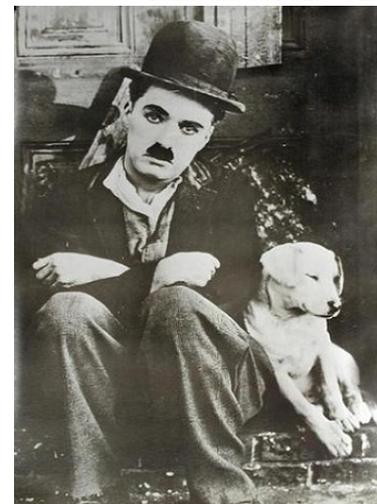
Na imagem 2 corresponde aos uniformizados anônimos, que foi objeto de estudo do psicólogo social Fernando Braga da Costa. O gari é retratado através de Samuel Coresma, 33 anos. Esses profissionais, geralmente uniformizados, trabalham por toda a cidade, passando muitas vezes invisíveis por diversos transeuntes.



Créditos: Ronaldo Borges



Créditos: Ronaldo Borges



Fonte: Site da Folha UOL.

Fotos (3 e 4) do ensaio artístico refere-se ao morador de rua (cidadão anônimo) e seu cão e a (5) da cena do filme Tempos Modernos (1936) com Charles Chaplin interpretando o vagabundo ao lado de seu cão.

“Intituladas “Cidadão Anônimo” e “Companheiro” Anônimo”, as fotos acima são inspiradas na relação entre o personagem do vagabundo de Charles Chaplin ao lado do seu fiel cão, no filme Tempos Modernos de 1936, e trata-se da condição de miséria humana vivida pelos moradores de rua e da amizade fidedigna do cachorro. Na descrição apurada

durante o ensaio fotográfico tem-se a estória do senhor Mário Feitosa, 48 anos, que reside há pelo menos 2 anos em uma das bancadas da feira popular da cidade. E uma descrição densa do seu cão:

Quase sempre serelepe nas calçadas e principais passarelas de Alto Araguaia, o cão crescido nas ruas, sem país, sem nome, sem raça e sem dono, assim como uma considerada matilha de cães que circulam diariamente no centro da cidade, trafega entre os transeuntes como o mais abjeto dos roedores. A humanidade do olhar do cão, capturado pelas lentes fotográficas em frações de segundos, minimiza a mescla de autopiedade e frustração do morador de rua, recostado em um dos pilares metálicos da feira popular. (08/09/2012)

Créditos: Marcos Cardial



Foto 6: o feirante em ação

Créditos: Ronaldo Borges



Foto7: o trabalhador autônomo

Na foto 6, produzida pelo jornalista Marcos Cardial, um dos colaboradores do projeto, temos o Motivador Anônimo. Conhecido na feira popular de Alto Araguaia-MT por Waldecy do Feijão, o feirante exibe simpatia e bom humor quando conta sua longa trajetória profissional. Entre os feirantes exerce uma liderança motivacional inquestionável.

Na foto 7 é focalizado o Trabalhador Anônimo. Há cinco anos trabalhando na limpeza de bancadas da feira popular de Alto Araguaia-MT, Erbelino de Souza, 42 anos, disse que já se acostumou a lidar com o sentimento de indiferença das pessoas. “Muitas pessoas fingem que não me veem.” Depois encerra, com um semblante frustrado e olhos quase lacrimejando. “Pior de tudo é sofrer isso por parte de amigos e parentes.” (22/08/2012)

Créditos: Marcos Cardial



Foto 8 Farmacêutico popular

Créditos: Marcos Cardial



Foto 9: o DJ da Feira

Na foto 8: o Comunicador Anônimo. Farmacêutico popular e comunicador de perfil, evidenciando o ecleitismo e a comunicação de improviso. (Michel de Certeau – a invenção do cotidiano). Elias Botelho preparando a tradicional garrafada (mistura de uma série de plantas). Além disso, o feirante utiliza panfletos para se comunicar e divulgar seus produtos.

Na foto 9: o “DJ” Anônimo. Mais que vender CDs e DVDs de filmes nas manhãs de domingo na feira popular, o feirante Luís Antônio é o responsável pela animação musical. Ao atender prontamente os pedidos de música do grande público frequentador de sua barraca, logo adquiriu a alcunha de “DJ da galera”.

Créditos: Ronaldo Borges



Foto 10: vendedor de espetinho

Créditos: Ronaldo Borges



Foto 11: O Contista da Praça

Créditos: Ronaldo Borges



Foto 12: Estudante Homossexual

Na foto 10: o Ambulante Anônimo. Apesar de trabalhar há quase 13 anos na praça central de Alto Araguaia, o vendedor de espetinho João Evangelista da Cruz, 53 anos, converte-se num ser invisível aos olhos de sua clientela, formada em sua maioria por caminhoneiros. (09/09/2012)

Na Foto 11 vê-se o Contista Anônimo. Sentado no banco da praça defronte à rádio Aurora FM, assim José Ribeiro, 50 anos, começava mais uma tarde de estórias e prosa. As estórias do contista eram inspiradas nos fatos cotidianos e de experiências de uma vida marcada de reviravoltas. Nascido em Torixoréu e araguaense de coração, o “Zé da Praça”, alcunha criada pelos ouvintes mais assíduos, carrega sobre si o imaginário cultural de um Brasil rural, um país sertanejo e iniludivelmente fotografado no cinema de Mazaropi.

Na foto 12: o Caminhante Anônimo. Estudante do terceiro ano do curso de Letras da Unemat, Vinicius Souza Silva, 23 anos, ainda enfrenta tabus de uma sociedade laica no que tange temas como a diversidade sexual e homossexualidade. Talvez bem por isso tenha que realizar entre os corredores da universidade e alguns lugares públicos uma caminhada anônima.

6 Resultados a serem obtidos através do ensaio fotográfico (CONSIDERAÇÕES)

O ensaio fotográfico sobre “os anônimos de Alto Araguaia” teve uma proposta exatamente de retratar as diferenças sociais que ainda existem / persistem na sociedade do século XXI, baseado no conteúdo da disciplina de Estudos Culturais e Mídias acerca das culturas populares e os grupos denominados dos “de baixos”.

Através das imagens e das entrevistas realizadas com os personagens deste ensaio fotográfico com um viés artístico, podemos constatar uma quebra de paradigmas socioculturais do ponto de vista dos moradores locais, na medida em que o trabalho procura enaltecer o protagonismo dos grupos historicamente colocados no posto de reivindicadores de voz e vez ante o discurso da sociedade de consumo e do espetáculo.

Nesse trabalho fotográfico, foram retratados os personagens que frequentam a praça pública de Alto Araguaia, e que povoam e trabalham na feira municipal, como forma de sobrevivência.

Durante a produção fotográfica, que envolveu os acadêmicos do 3^a semestre de jornalismo, foi debatido a fotografia como interface de registro histórico, ao debater os textos de Kossoy, e o papel da mídia na construção de um discurso de marginalização, criminalizatório, abordando os trabalhos da Ângela Prysthon. A proposta em si que foi apresentada, não importa se personagem fotografado é um simples morador de rua, ou um vendedor ambulante, o que conta são os valores que cada um deles possui e compartilham

via entre si enquanto táticas de fortalecimento das identidades locais (BARBERO, 1999); e agora artisticamente na condição de modelos fotográficos.

Baseado na leitura do texto de Fernando Braga da Costa e na experiência vivenciada com os atores do cotidiano fotografados, verificou-se que boa parte da sociedade ainda se firma em valores pré-estabelecidos por uma sociedade capitalista, estratificando indivíduos por suas capacidades de aquisição e consumo, e secundarizando os valores ligados as raças, etnias, nacionalidades, religião, classe social ou até mesmo profissão. Isso é feito tão automaticamente e praticado de forma tão comunizada que passam incólume, ou necessariamente não é tratado com um mínimo de autoridade etnográfica por parte dos estudiosos.

O ensaio em si, inspirado no trabalho do artista plástico Vik Muniz, realizado no lixão Jardim Gramacho, antes de qualquer julgamento, deve-se atentar para a produção social de cada um desses indivíduos denominados anônimos na sociedade, pois cada um exerce uma tarefa essencial que configura o fluxo de andamento das cidades. Trata-se de atividades desenvolvidas às margens dos sistemas considerados oficiais e caracterizados como subempregos ou sob o rótulo da informalidade que, na maioria das vezes, dispensam uma formação especializada ou exigem um conhecimento perito para o seu exercício, mas que, apesar disso, não devem ser compreendidos como menos importantes que as profissões tradicionalmente valorizadas pelas elites sociais. Isto porque se discute o lugar do arcaico, do simplório, do rural, do considerado obsoleto diante dos processos excludentes de globalização socioeconômica que, apoiados por um discurso segregacionista, promove novos hiatos entre os privilegiados e desfavorecidos historicamente pelos processos colonizadores.

Ciente disso e baseado nos depoimentos colhidos durante o ensaio fotográfico, assinalamos “um horizonte tangível e possível para esses segmentos marginalizados e invisíveis”, assim inspirados e parafraseando uma das grandes frases do estudioso paraguaio Juan Diaz Bordenave, em exposição proferida no congresso do ALAIC em 2012. Afinal, como via de conclusão, observa-se que toda profissão independente de ser a de um feirante ou de um vendedor ambulante, carrega sobre si, a título de uma política dos menos favorecidos, uma ação potencial de resistência aos modelos pré-estabelecidos de forma imperativa e ditatorial, que se escancara cada vez mais pela maneira com que grande parte da mídia torna (in) visível a existência dessas camadas populares. Camadas populares dotadas de uma criatividade própria e capaz de reinventar os seus cotidianos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, R. de, **Fotografia e Antropologia: Olhares Fora-Dentro**, São Paulo: Estação Liberdade, 2002

APPADURAI, Arjun. **Disjuncture and difference in the global cultural economy**. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). *Global culture: nationalism, globalization and modernity*. London: Sage, 1991.

BARBERO, J. **Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

CARNEIRO, Ava da Silva Carvalho. **A desigualdade e a invisibilidade social na formação da sociedade brasileira**. In: V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, 2009.

CAIAFA, J. **Práticas Comunicativas no Espaço Urbano – Comunicação e Sociabilidade nas viagens de Metrô**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2007.

CANEVACCI, M. **Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais**. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens Invisíveis: Relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1989.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

PRYSTHON, Â. F. (Org.). **Imagens da Cidade. Espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006. v. 1. 280p

PORTO, Juliana. **Invisibilidade social e a cultura do consumo**. In PUC RIO. Departamento de Artes e Design – 2006.